[Recensão a] Donini, Pierluigi, Ferrari, Franco, O exercício da razão no mundo clássico, perfil de filosofia antiga

Autor(es): Santos, José Trindade

Publicado por: Sociedade Brasileira de Estudos Clássicos

URL persistente: URI:<http://hdl.handle.net/10316.2/36305>

DOI: DOI:http://dx.doi.org/10.14195/2176-6436_25_13

Accessed : 26-Apr-2023 09:52:46

A navegação consulta e descarregamento dos títulos inseridos nas Bibliotecas Digitais UC Digitalis, UC Pombalina e UC Impactum, pressupõem a aceitação plena e sem reservas dos Termos e Condições de Uso destas Bibliotecas Digitais, disponíveis em <https://digitalis.uc.pt/pt-pt/termos>.

Conforme exposto nos referidos Termos e Condições de Uso, o descarregamento de títulos de acesso restrito requer uma licença válida de autorização devendo o utilizador aceder ao(s) documento(s) a partir de um endereço de IP da instituição detentora da supramencionada licença.

Ao utilizador é apenas permitido o descarregamento para uso pessoal, pelo que o emprego do(s) título(s) descarregado(s) para outro fim, designadamente comercial, carece de autorização do respetivo autor ou editor da obra.

Na medida em que todas as obras da UC Digitalis se encontram protegidas pelo Código do Direito de Autor e Direitos Conexos e demais legislação aplicável, toda a cópia, parcial ou total, deste documento, nos casos em que é legalmente admitida, deverá conter ou fazer-se acompanhar por este aviso.

revista brasileira de estudos clássicos

Clas sica

ANNA BLUME
CLÁSSICA

v. 25
n. 1/2
2012

DONINI, PIERLUIGI, FERRARI, FRANCO, *O EXERCÍCIO DA RAZÃO NO MUNDO CLÁSSICO*, PERFIL DE FILOSOFIA ANTIGA (TRADUÇÃO DE MARIA DA GRAÇA GOMES DE PINA), S. PAULO, ANNABLUME CLÁSSICA 2012, 498 PPS.

José Trindade Santos

A publicação de estudos que abrangem o vastíssimo acervo de material escrito em que o saber antigo se acha vertido tem-se mantido constante a partir de meados do séc. XIX. Embora se concentrem na mesma temática, a diversidade de contextos e de finalidades visadas por este tipo de estudos deixa sempre margem a alguma originalidade. Neste caso, a Obra referida acima constitui uma História da Filosofia Antiga que abarca a tradição filosófica grega na sua máxima extensão, compreendida entre os sécs. VI a. C. e VI d. C. Não deixando de fora nenhum autor ou obra de relevo, é distribuída por 8 capítulos: “Os pré-socráticos” (11-56), “A Sofística, Sócrates e os Socráticos” (57-96), “Platão” (97-188), “Aristóteles” (189-280), “A filosofia Helenista” (281-380), “A filosofia na Mundo Romano” (381-428), “Plotino” (429-454), “O Neoplatonismo depois de Plotino” (455-474). A Obra é ainda provida com uma Bibliografia e um Índice dos Nomes.

O título e o subtítulo que os AA. deram à Obra é bem revelador da intenção que a anima: encarar a tradição filosófica grega como a empresa intelectual em que assenta o edifício da Razão na Cultura Ocidental. Sem que explicitamente o declarem, cada personagem estudada, cada obra analisada, são apresentadas como figuras da Racionalidade no mundo Antigo. Esta perspectiva subentende que o conjunto das “doutrinas” atribuídas aos diversos autores da tradição é tomado como o lugar onde são forjados os conceitos e as teorias mediante os quais a contínua atenção dos pesquisadores procede à sistemática investigação da realidade.

O primeiro capítulo aborda tematicamente algumas das teses, consideradas mais importantes e influentes dos principais pensadores pré-socráticos (nenhuma referência é feita a Diógenes de Apolónia). Implícita acha-se a opção por um viés não-evolucionista, justamente valorizando a recepção que

lhes é feita por Platão e sobretudo por Aristóteles. Cada entrada é precedida de informações relativas ao contexto em que originalmente se acha inserida, sobre o qual são avançados os dados sócio-políticos e culturais relevantes. Pode se considerar novidade num capítulo sobre os pré-socráticos a atenção concedida ao *Corpus Hipocraticum*, ao qual é associado o nascimento das *technai*.

O segundo capítulo é também revelador de originalidade ao associar temas habitualmente separados, como a Sofística (Protagoras e Górgias), Sócrates e os Socráticos Menores. O estudo do mestre de Platão é abordado de uma perspectiva abrangente, na qual os testemunhos contrastantes sobre a identidade do pensador Ateniense são confrontados com os dados recolhidos dos diálogos platônicos. Atenção particular é conferida a Antístenes e à tradição Cínica, a Aristipo de Cirene, e Euclides de Mégara.

O tratamento pontual dos pensadores e das suas teses é subitamente interrompido pelos dois largos capítulos seguidos que ocupam o núcleo da Obra (97-280), devotados a Platão e Aristóteles. Após a já habitual introdução biográfica, a vasta obra de Platão é avaliada como a primeira contribuição para o estabelecimento da filosofia, como prática de vida, disciplina e criação literária. Cada subcapítulo concentra-se no estudo dos diálogos, desenvolvido por sucessivas perspetivações temáticas: “a Sofística e as virtudes” (obra socrática), “O indivíduo e a Comunidade” (*Górgias*, *República*), “O saber do filósofo” (*República*, *Fédon*, *Mênon*), até chegar à “Teoria das Ideias” (*República*, *Parménides*), “Ontologia e Cosmologia” (*Parménides*, *Filebo*, *Sofista*, *Timeu*), terminando com “O Mito, a Alma, a Filosofia” (*Fédon*, *Fedro*, *República*, *Banquete*). Vale a pena transcrever o parágrafo que encerra o capítulo (antes do epílogo dedicado à Velha Academia – Eudoxo, Espeusipo, Xenócrates – que o remata):

A filosofia platônica nasce da consciência, produzida pela argumentação racional, da existência de cisões à primeira vista inconciliáveis: entre ser e devir, entre verdade e aparência, entre inteligível e sensível, entre alma e corpo, entre razão e percepção, entre demonstração e conto; mas ela articula-se através de um incessante processo de mediação que se baseia na certeza de que a verdade e o bem existem e são cognoscíveis pelo ser humano, e simultaneamente na consciência de que este conhecimento é difícil de alcançar e está sujeito a ser sempre posto novamente em discussão.

Também o capítulo em que são estudados Aristóteles e a sua obra se inicia pela prestação de dados biográficos e literários. Os subcapítulos seguintes tratam “Os fundamentos académicos da Filosofia de Aristóteles e a doutrina das Categorias” (*Categorias*), a “Lógica e teoria da Ciência” (*Da interpretação, Primeiros e Segundos analíticos, Tópicos*), a “Física” (*Física, Metafísica* XII), “Os viventes e a alma” (*Da alma*), “A Metafísica” (*Metafísica* VI-IX), “A Ética” (*Ética a Eudemo, Ética a Nicômaco*), “A Política” (*Política*), “Retórica e Poética” (*Retórica, Poética*). Tal como o capítulo anterior, este é encerrado por um epílogo, dedicado à “Escola Peripatética” (Teofrasto).

Nos quatro capítulos seguintes, que levam a Obra ao seu termo, os AA. regressam à abordagem pontual, requerida pela enorme diversidade dos tópicos trabalhados. Dedicado à “Filosofia helenista”, o sexto capítulo estuda as três grandes Escolas helenísticas: Epicurismo, Estoicismo, Ceticismo, às quais devota atenção desigual. Após uma breve introdução histórica e temática, é abordada a “Vida e obra de Epicuro”, à qual se seguem “Os cânones de Epicuro” (síntese de Epistemologia e Teoria da Linguagem), “A Física” e “A Ética”. Sintetizando a obra do Filósofo do Jardim, um breve subcapítulo “O indivíduo nas relações sociais” ensaia uma abordagem sintética das principais teses do pensador, na área da Filosofia Prática.

Maior atenção é dedicada ao Estoicismo. A definição da linha condutora do pensamento da Escola, ao longo dos três períodos em que se divide – Estoicismo Antigo (Zenão: ± 333-261 a. C.), Médio (Panécio e Possidónio: 180-50 a. C.), Estoicismo Romano (Sêneca, Epicteto, Marco Aurélio: sécs. I-II d. C.) –, dá lugar à “Partição e pressupostos fundamentais da filosofia estoica” (Lógica, Física, Ética). Na Lógica é explicada uma importantíssima tese, capital para compreender as doutrinas da Escola: a divisão do real em “corpóreos” e “incorpóreos”. É a partir desta tese que é exposta “A Dialética estoica”, na qual entronca a “Teoria do Conhecimento”. São depois abordados “Os Princípios, os Elementos, o Mundo Físico”. É nestes que radicam as grandes teses e teorias metafísicas da Escola: “Os ciclos cósmicos, a Divindade, a Providência, o Fado”. A última subseção dedicada aos Estoicos abre com a definição da estrutura de “A alma”, conducente à exposição da “Ética estoica: os fundamentos e as noções de Bem e de fim”, articulando “A virtude e o sábio”, “As funções próprias e o caminho para a virtude” e “O vício e as paixões”. Conscientes de

que um ideal tão estrito dificilmente poderia se adequar à vida cotidiana, os AA. abordam ainda as “Relações interpessoais e a política” para dar ao Leitor uma ideia de como os filósofos estoicos se comportavam nos seus espaços políticos. Uma última entrada é dedicada às duas personalidades que condensam o Estoicismo Médio: “Panécio e Possidônio”.

O capítulo termina com uma breve abordagem do Ceticismo. Após uma breve nota sobre a evolução do sentido do termo, é apresentada a controversa figura do inspirador da Escola (365-275 a.C.: “Pirro e o Ceticismo”). A fundação desta, como movimento no seio da Academia, é devida a Arcesilau (315-240 a. C.: “O Ceticismo na Academia: Arcesilau”). No séc. seguinte, a Escola prosseguiu a sua acesa discussão com os Estoicos, encontrando na figura de “Carnéades” (215-130 a. C.) o pensamento que o seu discípulo Clitómaco fixou (veja-se o reflexo deste em obras de Cícero: 106-43 a. C.). A Escola Cética acabará pouco depois em Roma com a morte de Fílon de Larissa (ca. 85 a. C.). Mas a memória do Escolarca persistirá nas obras de Cícero, de Plutarco (46-120 d. C.) e de Sexto Empírico (160-? d. C.). Nesta altura, porém, o centro de gravidade da filosofia grega tinha deixado a Hélade, para se fixar, entre outros focos, em Roma.

O fato justifica a inclusão de um capítulo dedicado à filosofia em língua latina (“A filosofia no Mundo Romano”). Uma entrada introdutória descreve o ambiente cultural romano, referindo peripécias que caracterizam a recepção dispensada a alguns filósofos gregos (“Roma e os filósofos”). Nos meados do séc. I a. C., a necessidade de cultivar as elites romanas gerou um interesse pela filosofia grega, conducente ao estudo das obras dos grandes mestres gregos (“As características gerais da filosofia: o regresso aos antigos, o sistema, a exegese, a comunhão de linguagem e de temas”). Mas o espírito romano contribuiu para produzir uma inflexão nos interesses no sentido da filosofia prática (“A viragem da filosofia no séc. I a. C.”). Este movimento explica a tendência para inserir o Platonismo num contexto transcendente (“A difusão do Médio-Platonismo entre os séculos I e II”; Eudoro de Alexandria: séc. I a. C.), sendo neste ambiente que se localiza a filosofia de Alcínoo (séc. II?; confundido com Albino), de Numénio de Apameia (séc. II) e de outros expoentes do Platonismo Médio. O capítulo regressa à língua grega, nas obras do maior

comentador de Aristóteles – Alexandre de Afrodísia (“Os comentadores de Aristóteles”) –, ao qual se seguem referências ao renascimento do Ceticismo (“O Neopirronismo e Sexto Empírico”), ao Estoicismo (“Os Estoicos entre os séculos I e II”: Epicteto – 50-125 d.C. – e Marco Aurélio: 121-180 d. C.), ao atomista Lucrécio (99-ca. 55 a. C.: “Lucrécio e o Epicurismo”) e a Galeno (“Alguns cientistas influenciados pela filosofia”).

A Obra é concluída por dois magistrais capítulos de síntese dedicados a Plotino (204-270 d. C.) e ao Neoplatonismo. O primeiro deles, após uma introdução biográfica (“Vida e Obra”), condensa o espírito do Neoplatonismo na tensão produzida pela reinterpretação do Platonismo por Plotino (“Tradição e inovação”). O enfoque no último Tratado das *Enéades* (VI,9: *Sobre o Bem e o Uno*) contém o problema nuclear do pensamento plotiniano (“A realidade e o seu Princípio”). Os dois subcapítulos seguintes – “O Intellecto, a Alma, o Mundo” e “O regresso ao Uno” – condensam o movimento interno da doutrina plotiniana, plasmado na profunda revisão da tradição filosófica grega, operada pela revolucionária metodologia usada por Plotino. O derradeiro capítulo aborda sucessivamente as figuras mais relevantes da tradição Neoplatônica: “Porfírio” (232-304 d. C.), “Jâmblico” (ca. 240-ca. 325 d. C.), para terminar com “Proclo” (418-485), após uma exposição introdutória sobre “As Escolas Neoplatônicas entre os séculos IV e VI”.

É sempre delicada a tarefa do recenseador de uma História da Filosofia, pois, o fato de todas falarem do mesmo obriga o crítico mostrar que o dizem de modo diferente. Penso que a maior qualidade deste trabalho reside na combinação do rigor científico em que verte a sua coerência interna com a mais extensa cobertura do período estudado.

Como é natural, não se esperam novidades de uma obra com estas características. Pelo contrário, contudo, é-lhe exigido que faça um esforço de atualização. O Leitor deve poder considerar que as informações prestadas refletem os últimos consensos entre os pesquisadores em torno das questões tratadas. Neste particular, o mérito dos AA. consistiu em satisfazer esse quesito sem perder de vista a convicção, que a alguns – entre os quais me incluo – agra-

dará: “de que apenas o exercício da razão constitui a íntima natureza do ser humano”.

Por isso, termino com uma singela advertência. A circunstância de a abordagem dos textos estudados poucas vezes recorrer a referências a páginas e parágrafos é indicativa de que privilegia a compreensão sintética dos temas sobre a reinterpretação analítica dos textos. Resulta dessa opção que o que não fornece em pistas de pesquisa deve compensar com o vigor do amplexo crítico com que trata os assuntos.

Recebido em março de 2013

Aprovado em abril de 2013.